

RENOVAÇÃO x RESISTÊNCIA

A crise nacional em marcha forçada

Coletânea – P.Timm Org.

Março 18-22 /2016

E sará mia la colpa se cosi é...?

Maquiavel



ESTA É A CARA DA RENOVAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL: CONFIE NELES!



Abaixo, a imagem da resistência à “renovação”...



Discurso Completo de Lula - Full HD - Av. Paulista - Dia 18 ...

<https://www.youtube.com/watch?v=YyizJ5ekK64>

1 dia atrás - Vídeo enviado por Salto Quântico Genético Dois

*Discurso Completo de Lula - Full HD - Av. Paulista - Dia 18 do 03 de 2016 -
Band News ... Av ...*

Área de anexos

Visualizar o vídeo Discurso Completo de Lula - Full HD - Av. Paulista - Dia 18
do 03 de 2016 - Band News do YouTube



FORUM 21

um espaço para a democracia que queremos

É nesse ambiente de escolhas cruciais que um punhado de intelectuais e artistas brasileiros, a exemplo de **Luiz Gonzaga Belluzzo, Jorge Furtado, Maria Victoria Benevides, Fabio Konder Comparato, Andre Singer, Leda Paulani, Rosa Maria Marques, Fernando Moraes e mais centenas de outros, decidiram criar o Fórum 21.**

Sua meta é romper a interdição ao debate do que é essencial e contribuir para a repactuação democrática do desenvolvimento e da nação.

No site do Fórum (www.forum21.org.br) você poderá ter mais informações de como se inscrever e participar das atividades organizados por esse braço da frente ampla, democrática e progressista que o Brasil necessita para redesenhar um futuro plural, a salvo das ameaças regressivas que pairam nesse momento.

A prefiguração de um país purificado por 'moros & globos' está nas ruas caçando 'hereges', espancando quem não adere aos seus símbolos e reafirmando mantras inquestionáveis -- acima da 'impureza da política' e da tolerancia da convivência democracia.

A assustadora ressurgência dos instintos regressivos que acometem uma nação quando entregue ao arbítrio dos salvadores da pátria, da moral e da economia requer uma resposta dos que sabem o que choca esse ninho.

A memória dos anos de chumbo da ditadura militar deveria ser suficiente para evitar a recaída. Mas é preciso reavivá-la cada vez que é acuada pela estridência dos higienistas da história, da sociedade e do desenvolvimento entregue às 'leis puras do mercado'.

É disso que se trata novamente agora.

Para que possamos ter o direito de debater os conflitos e a diversidade das escolhas e caminhos do desenvolvimento brasileiro é urgente defender a democracia contra o golpe dos que pretendem impor suas certezas esféricas à toda sociedade.

A meta dos intelectuais reunidos no Fórum 21 é clarear os interesses em jogo e defender o direito da população decidir o que é melhor para o seu futuro e o futuro da nação.

Benedito Tadeu César : Quarta é dia de cultura pela democracia

Na próxima quarta, 23, a partir das 17h, o Largo Zumbi dos Palmares será o palco da Cultura Pela Democracia. Artistas, intelectuais, produtores culturais, músicos, jornalistas, escritores, professores universitários e as mais diversas manifestações da cultura gaúcha se reúnem em defesa da democracia no Brasil e contra o golpe em curso.

Após a concentração no Largo Zumbi, o manifesto cultural tomará conta da Cidade Baixa, em uma caminhada que seguirá até o Centro Municipal de Cultura (Teatro Renascença). Ali, às 20h, será realizado o ato-show Cultura Pela Democracia, onde vários artistas se revezarão no palco. Um evento no Facebook e um vídeo que já circula pelas redes sociais convidam a população para participar da atividade.

A atividade da próxima quarta, foi definida neste sábado, 19, à noite, em reunião realizada no Bar Ocidente, da qual participaram cerca de 140 pessoas. A reunião foi definida e articulada em um período de cinco horas através de grupos de telefone. Neste encontro, também foi aprovado o manifesto da Cultura Pela Democracia.

MANIFESTO

A CULTURA PELA DEMOCRACIA

Não é a tua janela, a minha rua, esta esquina ou aquela avenida – o problema é manter o horizonte aberto da democracia.

Por ela lutamos e continuamos a lutar.

Para que seja preservada, contra todos os autoritarismos, como os que nos rondam agora, nessa grave crise política.

Não queremos privilégios para fulano ou beltrana, não estamos aqui para defender um deputado ou qualquer líder – queremos justiça equânime para todos.

Investigação dentro da lei, sem livrar a cara de qualquer um.

O país precisa sair dessa melhor do que entrou.

Não é a favor do marasmo, nem da balbúrdia – é a favor da vida livre, contra as discriminações de opinião, classe, gênero, etnia, gosto.

Para isso chegamos até aqui, e para preservar o já conquistado é que vamos adiante.

**Eliane Silveira
Mtb 7193**

Benedito Tadeu César

Criado o grupo que vai promover o Ato da Cultura pela Democracia. Vem pro bloco você também!!!

<https://www.facebook.com/events/575771732589233/>



20MAR

Tenho interesse

#CulturaPelaDemocracia na Redenção

**Hoje às 15:00 - Arco Da Redenção - Porto Alegre, RS,
Brasil**

Paulo Timm I

Salto no escuro

Bom: O país está dividido mesmo. Quem tinha alguma dúvida, pode ver o impacto das manifestações de hoje, dia 18. Não tem sentido saber se está dividido ao meio ou em proporções desiguais mais favoráveis ao Governo ou Oposição. . Está POLITICAMENTE dividido ao meio . E isso não é culpa das ideologias. É o produto do processo de redemocratização, que culminou aqui, seja porque institucionalizou o combate ao crime de colarinho branco, seja porque a esquerda cresceu, seja pelo fato de que a Nação é mesmo socialmente muito dividida entre muito ricos x muito pobres. A verdade está aí, nas ruas. E duas metade de um cavalo não fazem um cavalo. Se Dilma cair, o governo que lhe sucederá montará numa dessas metades. Sairá pulando. E, certamente orientado por um Programa de inspiração

muito mais conservadora do que o atual Ela, por sua vez, já está sobre uma delas e tenta se equilibrar, depois de tantos erros e zigue-zagues... Há advogados para qualquer dos lados das questões jurídicas em tela. Para isso serve o Direito o o Brasil tem tradição na matéria. Há pareceres dignos de atenção contra e a favor do Juiz Moro, há uma infinidade de posts contra e a favor do Governo. E agora? Eu, honestamente, tenho muitas dúvidas. Não consigo ver TUDO o que meus velhos companheiros VEEM..Acho que exageram... E penso ver o que eles não veem .Leio a entrevista do Chico de Oliveira, na Z.Hora de dias atrás, e ele também não sabe que rumo tomar. Fico imaginando: E os mais jovens? A eles recomendo: Melhor ficar onde estamos, com todos os problemas, que não são nem poucos, nem pequenos. O risco do salto no escuro é enorme. Como é enorme o risco de enfrentamentos de rua que levem ao que há tempos venho dizendo: Estamos mais para 1848 do que para 1933...Nos dois casos, a democracia na Europa perdeu e muita gente morreu.

Paulo Timm II

"É a economia estúpido!"

No fundo, todo mundo bem o sabe.

Às vésperas de 64, tão lembrado nesses dias, embora eu não veja grande similitude, seja pelo cenário internacional, seja pelos protagonistas, seja pela natureza e profundidade dos projetos em confronto, Jango também zigzagueou muito em termos de Política Econômica. Tanto que Celso Furtado se retirou do Governo. Aí chamou Carvalho Pinto, numa tentativa, parecida com a de Dilma ao chamar Levy, para tentar uma aproximação com o empresariado. Nada dava certo.

Brizola, então, candidatou-se a Ministro da Fazenda, no mesmo momento em que ecoava no Brasil o refrão: CUNHADO NÃO É PARENTE, BRIZOLA PRA PRESIDENTE! Ao que ele, ironicamente, respondia: " Ou isso ou Lincoln Gordon (Embaixador americano) pra Presidente". A verdade é que Brizola sabia que o cerne da questão estava no controle da economia. Não foi nomeado. Brigou com Jango e impulsionou o que Helio Jaguaribe então denominaria como "esquerda negativa" naquela conjuntura. A "positiva" era o Jango (e a turma do ISEB).

Os tempos mudam. Mas há sempre muita coisa que se repete, repete, repete... E quando explode, a esquerda, positiva, negativa ou utópica, como eu, todos, sempre perdemos...Onde será que erramos...?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE OBSERVADORES ATENTOS NÃO ALINHADOS AO PT E AO GOVERNO DILMA

(nem sempre agradáveis aos ouvidos de seus defensores)

João Medeiros – Físico - 17 de março – PORTO ALEGRE- Contra o IMPAEACHMENT

- Um Pontapé no Traseiro -

Em um calão que lhe é bem próprio, é isso que o PT está a levar do capital: um pontapé na bunda! Me explico: O PT começa como um partido ligado ao

trabalho até no seu nome.

Não concilia, vota contra ao projeto de constituição na constituinte e expulsa deputados que votam a favor. Faz campanhas de esquerda, como a eleição de Olívio para prefeito.

Até que aparece o caso do prefeito do PT assassinado, Celso Daniel. O PT já não é mais o mesmo, começa a fazer o que de pior pode fazer um partido de esquerda: corrupção.

A militância rouba, nega e é presa. Faz alianças a torto e a direita, literalmente. Acha que pode comandar a direita, fazendo seu papel. Na presidência da República não faz nenhuma reforma de base - reforma agrária, política, saúde, saneamento, etc.

A ascensão das classes baixas só se dá no consumo. Nas eleições presidenciais de 2014 alia-se ao que de pior existe na política brasileira: Sarney, Collor e Maluf.

E com o fracasso econômico, moral e político do atual governo, já não interessa mais ao capital continuar aquela aliança, dando ao PT o que ele merece! E para tragédia do povo brasileiro, a imperdoável derrocada do PT prejudicará toda a esquerda.

DEUS ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS NO BRASIL, MAS NÃO PRECISA EXAGERAR

Renato Riella – FB - · Jornalista - Brasília

Dizem que Deus escreve certo por linhas tortas, mas não precisa mesmo exagerar. No Brasil de hoje, Ele está exagerando muito.

Por exemplo, vemos que progride o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Seria plenamente aceitável, se não fosse comandado pelo tenebroso Eduardo Cunha, presidente da Câmara Federal.

Dentro de alguns dias, este processo de impeachment pode desaguar no também tenebroso Renan Calheiros, presidente do Senado. Isso não pode dar certo! É suspeito demais.

A Comissão de Impeachment da Câmara tem outras figuras tenebrosas, entre as quais o assustador Paulo Maluf – livre, leve e solto. E, se Dilma for cassada, assume o vice-presidente Michel Temer, que preside quase eternamente o PMDB de tantas suspeitas.

Enquanto isso, no Poder Judiciário, a figura proeminente do processo de mudança, batendo de frente com os petistas, é um ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, de notória ligação com o PSDB.

Vale registrar que o tucano Gilmar concedeu uma justa medida liminar impedindo o ex-presidente Lula de se proteger atrás do cargo de ministro do governo Dilma. Isso é ou não é Deus escrevendo certo por linhas tortas?

Para completar, Gilmar Mendes assumirá a presidência do Tribunal Superior Eleitoral em abril. Coitados dos petistas!

Nos bastidores da política brasileira, acredita-se que, sob comando do Gilmar no TSE, será acelerado o processo de cassação da chapa Dilma-Michel Temer, por crimes eleitorais praticados em 2014.

Se isso acontecer, o impeachment dominado por Cunha-Renan ficará inócuo. E terá de haver mudança geral no Planalto.

Então, o TSE poderá aproveitar o mês de outubro, quando haverá eleição municipal, para fazer uma eleição presidencial extraordinária.

No entanto, se a chapa Dilma-Temer for mesmo cassada no TSE (como tudo indica), quem assume provisoriamente o Palácio do Planalto é o presidente da Câmara Federal. Quem? O famigerado Eduardo Cunha.

Aí aparece o velho Deus, tentando mais uma vez escrever certo por linhas tortas. Isso porque devemos acreditar que, nas próximas semanas, o Supremo Tribunal Federal vai levar a sério o caminhão de denúncias contra Eduardo Cunha, afastando esse ser humano abusado da presidência da Câmara. Xô, Cunha!

Mas não fiquem pensando que o tiro de canhão contra Eduardo Cunha resolve as coisas.

Sabem quem assume a presidência da Câmara no caso de mudança próxima? É o vice de Eduardo Cunha, o também tenebroso Valdir Maranhão, um apagadíssimo deputado do Maranhão, acusado na operação Lava-Jato.

Temos que rezar para Deus fazer o serviço completo e conseguir que a Câmara, num processo extraordinário, eleja outro presidente para substituir Eduardo Cunha – e que este presidente seja pelo menos razoável.

Pode ser um Jarbas Vasconcelos ou um Serraglio. Talvez haja mais algum outro nome confiável.

O certo é que as mudanças graves no alto comando do Brasil são quase certas, mas devemos rezar para Deus nos ajudar - mesmo que Ele tenha de continuar escrevendo por linhas tortas.

O Brasil não é mesmo uma terra para amadores, como dizia Tom Jobim.

E até o incansável Deus deve se esgotar ao ver a nossa difícil situação. Vamos tentar ajudá-lo?

Se nada der certo, temos uma esperança: em setembro, a ministra Carmen Lúcia assume a presidência do Supremo Tribunal Federal, mas até lá as coisas já devem estar arredondadas - ou explodidas.
(RENATO RIELLA)

A MINHA ANGÚSTIA TALVEZ SEJA A SUA

Marcio Sales Saraiva

MARCIO SALES SARAIVA é sociólogo/cientista político, apaixonado pelas reflexões teológicas, mestre em políticas públicas pelo PPGSS-UERJ e pai de Tatiana, Michel, Gabriela e Isabela. É um

democrata de esquerda que defende os ideais de justiça, igualdade e direitos humanos. Milita na defesa de direitos da comunidade queer/LGBT e considera o amor/caridade como caminho sagrado para o encontro com o Divino.

<http://marciosalessaraiwa.com.br/a-minha-angustia-talvez-seja-a-sua/>

1) Senti-me envergonhado de ver Eduardo Cunha presidindo a instalação da Comissão do Impeachment. Não é ilegal, mas é imoral. Cunha deveria estar preso! Creio que a maioria dos que defendem o impeachment também tem esse sentimento de repulsa.

2) E não é só o Cunha. A Comissão é formada por 65 parlamentares, entre eles, mais da metade estão “pendurados” com problemas na Justiça e quatro são alvos da mesma Operação Lava-Jato. É ilegal? Não, mas é imoral. Ver alguns bandoleiros fazendo discurso de virgem, “em defesa da moralidade pública”, é abjeto.

3) Cabe a Comissão investigar e decidir, mas ontem os deputados já declaravam apoio ao Governo ou gritavam “Fora Dilma”, sendo assim, a “investigação” é farsa. Será apenas um palco midiático para a guerra. As decisões já estão tomadas antes mesmo de qualquer escuta justa e atenta das partes envolvidas.

4) Talvez já tenhamos provas suficientes que incriminem Dilma em crime de responsabilidade. Não se trata de dizer que a presidente é pessoalmente corrupta. Até aqui, parece que jamais desviou 10 centavos para sua conta pessoal ou para injetar no PT, mas pode ser responsabilizada por aquilo que deveria ver e não viu, deveria fazer e não fez, deveria não assinar e assinou. Isso é irresponsabilidade. Além disso, há o problema da chamada “cegueira deliberada” quando o ator político não quer ver ou “não quer saber” aquilo que sabe/intui. O povo chama isso de “fazer vista grossa”. É crime? Que falem os especialistas.

5) Sim, é verdade que o PSDB tem muitos casos de corrupção e escolhas públicas nebulosas. No passado e no presente. Mas o fato de que o maior partido de oposição esteja envolvido em corrupção não isenta a coalizão do PT de pagar pelos seus supostos crimes. A guerra sobre “quem roubou mais, Lula-Dilma ou FHC” é patética. Que a Justiça apure e puna os casos em que há provas de corrupção contra membros do PSDB. Aécio Neves e Pimenta da Veiga já caíram em desgraça e poucos comentam isso. Alckmin poderá ir para o abismo. Que bom. Que o combate à corrupção não seja seletivo ideologicamente ou partidariamente.

6) Há sim um espetáculo midiático em torno desse tema. Compreensível. Jornalistas gostam de “furos”, coisas explosivas e grotescas. Isso vende, traz leitores. O povo gosta de ver e saber das maracutaias e fofocas dos bastidores. Se pegarmos os grampos de Lula como exemplo, a maioria das coisas que Lula falou não é crime. Pode sim revelar uma personalidade autoritária, debochada e desrespeitosa com as instituições políticas-jurídicas, mas é direito dele falar o que falou no âmbito privado. O foco deveria ser o que é realmente grave: a tentativa de interferir nos processos de apuração. Esse é o ponto!

7) Infeliz o povo que precisa de heróis. Todos os regimes totalitários tiveram como base essa mitificação de figuras humanas. O juiz Sergio Moro, até aqui, parece homem de bem, pessoa justa e honrada, além de ter o apoio da magistratura brasileira, ou seja, não é cavaleiro solitário. Por outro lado, ele pode sim cometer erros, posto que não é deus. Se errar, tem órgãos de accountability para corrigi-lo e até mesmo anular os supostos erros. Isso não deveria ser a preocupação, mas o conteúdo que foi divulgado, isto sim, causou um furacão político. Ao invés de ficarmos debatendo sobre a origem dos furacões, poderíamos nos concentrar sobre como resolver o problema do furacão. As consequências políticas estão dadas! Vamos ao foco? O que fazer?

8) Talvez seja justo o impeachment de Dilma. Eu ainda não estou convencido de que ela cometeu alguma irresponsabilidade criminosa, mas há fortes indícios que merecem maior debate e aprofundamento. O que me angustia é simplesmente “derrubar” Dilma e deixar o poder nas mãos do PMDB que já tem o apoio do PSDB para realizarem um governo de coalizão. Não se trata de um ódio pessoal contra o PMDB – ainda que eu assuma minha antipatia! – mas para que haja justiça plena, entendo eu que se Dilma cometeu crime de responsabilidade e se a campanha de 2014 recebeu dinheiro sujo, o PMDB estava neste barco também. O PMDB tinha o vice da chapa, vários cargos na Petrobras, diversos ministérios, autarquias e empresas estatais. Como impedir Dilma e deixar Temer? Ainda que se prove que Dilma cometeu crime de responsabilidade, o PMDB não deveria sair “limpinho” disso. Temer está envolvido em denúncias na Lava-Jato também!

9) Alguns defendem a tese do “gradualismo de derrubada”. Primeiro impedir Dilma, depois Temer, depois Cunha e Renam. A “limpeza” seria por etapas, mas ninguém combinou isso “com os russos”. Temo que o impedimento de Dilma e ascensão do PMDB-PSDB encerre a Lava-Jato ou retire a força dela, pois nesse cenário teríamos o presidente Temer, Cunha (Câmara) e Renan (Senado) como alvo da mesma operação. Eles não combinariam o esvaziamento da equipe do juiz Sergio Moro? Tendo apoio majoritário no Congresso o que eles podem fazer não só contra a Lava-Jato, mas em relação aquele programa socialmente regressivo chamado – piada! – “Ponte para o Futuro” que o PMDB apresentou com a chancela de Michel Temer e a coordenação de Moreira Franco, conhecido aqui no Rio como “o gato angorá” (apelido dado por Brizola)?

10) “Marcio, então você é contra o impeachment da Dilma?” Não, não é bem isso. Sou contra o caráter pequeno do impeachment, tal como se apresenta hoje (novos dados surgem a cada minuto!). Se é para “passarmos o Brasil a limpo” e se há provas contra Dilma, precisávamos também incluir o PMDB como corresponsável. Existe uma aliança! É por isso que simpatizo com uma saída popular, as eleições gerais. Precisávamos aprovar uma “PEC do Recall” e chamarmos os brasileiros às urnas. O processo do TSE que pede a cassação da chapa Dilma-Temer (bem mais justo!) parece demorar um tempo onde a desgraça já terá nos conduzido a um abismo ainda maior. Imaginemos mais quatro ou cinco meses nessa crise? O que vai sobrar disso?

11) Por último, os extremismos me preocupam. Os setores democráticos e progressistas estão ficando emparedados. Cresce a direita radical e o

populismo “apolítico” da “onda amarela”. Eles podem dar o tom do impeachment e saírem mais fortes para 2018. Por outro lado, o petismo – entendido aqui como militantes, simpatizantes e parte da sociedade brasileira que gravita ainda em torno do PT e nele tem alguma esperança de regeneração – poderá partir para o confronto aberto. Já há muitos conflitos nas ruas e isso poderá se ampliar. O processo de impeachment durará em torno de 45 dias, mais 15 dias no Senado. Para fazer uma conta redonda, 2 meses. Imaginemos o drama?! Todos os dias! Não vejo nenhum risco de golpe, pois as nossas Forças Armadas estão absolutamente enquadradas nos marcos da democracia constitucional, mas a fratura social poderá ser imensa e trará consequências imprevisíveis.

12) Conclusão: Nenhuma! Eu disse que apenas iria desabafar angústias pessoais que podem encontrar alguma ressonância com a angústia de milhões de brasileiros que não se sentem representados nem pelos tucanos, nem pelo PMDB, nem pelo petismo. Estamos desencaixados e preocupados. As eleições gerais seriam uma saída fora desse arranjo pelo alto, mas será que nossa elite política compreenderá isso? Aprovaria uma PEC nesse sentido? Os partidos progressistas irão se unir nessa bandeira popular? O povo brasileiro irá entender? Os dados estão lançados. Poderemos varrer esta atual oligarquia política no voto democrático ou teremos uma saída pelo alto com um governo de coalizão PMDB-PSDB ou, ainda mais dramático, Dilma-Lula governando um país esfacelado até janeiro de 2019.

Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

por Ayrton Centeno 19/mar/2016, 7h02min **SUL 21**

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

Dita no calor da hora, a frase dura de um possesso Ciro Gomes carrega um desaforo, dos mais evidentes, tradicionais e utilizados para aquele momento em que a temperatura sobe e a cusparada retórica se projeta com sua missão de destratar. Era madrugada do dia 17 e um grupelho daquilo que se convencionou chamar de “coxinhas” fazia barulho diante da casa do ex-governador e ex-ministro de Itamar e Lula.

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

Mas, no caso, o mais importante não é o insulto saído da boca de um político notório pelo temperamento explosivo. Junto, traz um ensinamento sábio. Com sua validade confirmada pela história recente.

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

A última vez que tal conselho deixou de ser ouvido custou 21 anos de ditadura ao Brasil.

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

Em 1964, no momento em que articulava o golpe contra Jango, o arquiconspirador Carlos Lacerda desconsiderou a possibilidade de reversão do que urdia. Embora sagaz, não imaginou que a usurpação de um presidente eleito, que parecia abrir-lhe o caminho para a presidência, viesse a ser, como foi, o começo do fim de suas próprias ambições presidenciais. Aos 50 anos, vivia o auge de sua carreira. Foi preso e cassado pelos novos inquilinos do poder que ajudou a implantar. Morreria **em 1977 sem recuperar seus direitos políticos**. Provavelmente lamentaria não ter sido admoestado — antes da vitória que se transformaria em derrocada — por um adversário mais atrevido que lhe dissesse nas fuças:

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

Outro conspirador, Adhemar de Barros, também não ouviu a voz da razão. Ele e a mulher, Leonor, puxaram a edição paulista da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Também sonhava com o Planalto ao qual já fora duas vezes candidato. Seu problema era semelhante aos dos demais conjurados: falta de voto. **Quando veio o golpe que pediu, Adhemar avisou: “Agora, caçaremos os comunistas por todos os lados do país”**. Dono de cadeia de rádios e jornais que hoje compõem a Rede Bandeirantes, Adhemar levou uma rasteira do destino: ele foi caçado e cassado. A exemplo da Lacerda, morreu sem recuperar os direitos políticos.

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

O mesmo aconteceu com parcela dos jornais embarcados na conspirata, caso do Correio da Manhã, o mais destemperado dos inimigos de Jango, que feneceu destroçado pela censura e a perseguição dos militares. Claro que isso não se aplica às Organizações Globo, que somente se viabilizaram como um dos maiores impérios de comunicação do mundo através de suas relações carnais com um governo de assassinos. Sem vacilar diante da mentira, quando o poder constitucional foi derrubado, O Globo proclamou na sua manchete de capa em 2 de abril de 1964: “Ressurge a democracia”. Para o Globo, a democracia golpeada era a ditadura, enquanto a ditadura que chegava era a democracia.

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

Quando o golpe deu seus primeiros vagidos, a **Ordem dos Advogados do Brasil, através de seu conselho federal, correu a embalar aquele negro berço**. Enalteceu “os homens responsáveis desta terra” que baniram “o mal das conjuras comuno-sindicalistas”. E, paradoxalmente, o estupro se dera “sob a égide intocável do Estado do Direito”. Sob a mesma égide e de tal estado, em 27 de agosto de 1980, uma carta-bomba na sede da Ordem matou a secretária Lyda Monteiro da Silva, de 59 anos. A carta era dirigida ao presidente do conselho federal da Ordem, Eduardo Seabra Fagundes. Ocorre que, após apoiar a implosão da Constituição, a OAB percebera seu erro. E mudara.

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

O Supremo, para vergonha dos pósteros, agiu igual. Sob **o pitoresco olhar do STF, tudo estava em seu lugar: o golpe era legítimo, a democracia estava preservada e a constituição idem.** Seu presidente, Álvaro Moutinho da Costa, saudou o general **Castello Branco em visita à corte. Porém, após o AI-5, três ministros, os mais independentes, foram aposentados compulsoriamente.**

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

Filha de coronel do Exército, a adolescente Sônia Moraes foi levada pelo pai e a mãe à versão carioca da marcha da família com deus pela liberdade. Era 1964 e os Moraes festejavam a queda do governo constitucional. O tempo passou, o regime mostrou seus dentes e Sônia desapareceu. Engajara-se na luta armada contra a ditadura. Presa, teve os seios arrancados e foi chacinada até a morte. Desesperado, o pai procuraria durante anos pela filha. Um dia recebeu um presente sem sentido, enviado pelo seu desafeto, o **general Adyr Fiúza de Castro, comandante do DOI-Codi, no Rio. Era um cassetete da Polícia do Exército. Descobriria depois que aquilo representava uma advertência e um escárnio. Com aquele cassetete sua filha, Sônia Maria de Moraes Angel Jones, fora estuprada antes de morrer em suplicio.**

— Eu estou protegendo você, seu filho da puta!

Talvez da explosão de Ciro fique mais o destempero do que o aviso. Mas é este que conta e tudo resume. Não é o mandato de Dilma que está em jogo. Quando a comandante suprema das forças armadas é grampeada, o recado é sucinto: ninguém está livre, hoje foi ela, amanhã serão vocês. Por isso, a violência ilegal, absurda e flagrante que se abate sobre a atual e o ex-presidente é apenas uma fachada. Atrás dela vem o estado de exceção. Quando diz ao aprendiz de fascista “Eu estou protegendo você, seu filho da puta!”, Ciro expressa o que acontece após a ruptura do Estado Democrático de Direito quando até o guarda da esquina sente-se investido de superpoderes.

Além do convencional FDP, usado diversas vezes, Ciro foi para cima dos desafetos. “Fascistas” repetiu muitas vezes. “Vamos circular. Cada um procura a sua casa”.

Quem não conhece a história tende a repeti-la com consequências trágicas.

Vá estudar, disse o ministro Jacques Wagner a um sujeito que o interpelou num restaurante aos gritos de “Fora PT”.

STF. Omissos quase sempre durante 21 anos, o Supremo Tribunal Federal foi mais explícito imediatamente após o golpe. Seu presidente, Álvaro Moutinho Ribeiro da Costa, escancarou sua satisfação: “O desafio feito à democracia foi respondido vigorosamente. Sua recuperação tornou-se legítima através do movimento das Forças Armadas. Já estando restabelecido o poder de governo pela forma constitucional”, explicou ao Jornal do Brasil. Sob o pitoresco olhar do STF, tudo estava em seu lugar: o golpe era legítimo, a democracia estava preservada e a constituição

idem. Décadas depois, outro ministro, Marco Aurélio Mello, ecoou Ribeiro da Costa ao dizer que a ditadura foi “um mal necessário”. No dia 2 de abril de 1964, Ribeiro da Costa representou o Supremo na posse ilegítima de Ranieri Mazzilli, deputado do PSD, na presidência, quando Goulart ainda estava no Brasil e, portanto, o cargo não estava vacante. E recepcionou Castello Branco em visita ao STF. Após o AI-5, três ministros, os mais independentes, foram aposentados compulsoriamente. Outros dois afastaram-se em solidariedade. Ao longo dos anos de chumbo, raros foram os momentos no Supremo em que alguém se insurgiu contra o estado de coisas. Em 1971, aconteceu um deles. Vencido pelos seus pares que julgaram legal a censura prévia imposta pelo governo Médici, o ministro Adauto Lúcio Cardoso abandonou a corte. O regime nomeou 32 ministros do STF. Finada a ditadura, suas indicações permaneceram vivas no STF. Mais: até 1991 os nomeados por militares eram maioria na corte. O último se aposentou somente em 2003.

Além do convencional FDP, usado diversas vezes, Ciro foi para cima dos desafetos. “Fascistas” repetiu muitas vezes. “Vamos circular. Cada um procura a sua casa”.

Quem não conhece a história tende a repeti-la com consequências trágicas.

Vá estudar, disse o ministro Jacques Wagner para um sujeito que o interpelou num restaurante aos gritos de “Fora PT”.

Angel, Sônia. Primeiro militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e depois da Ação Libertadora Nacional (ALN), Sonia Maria Lopes de Moraes Angel Jones morreu sob tortura em novembro de 1973. Exilada na França, retornou ao Brasil em 1973 ao saber do desaparecimento de seu marido, Stuart Edgard Angel Jones. Sonia foi capturada com seu então companheiro, Antonio Carlos Bicalho Lana, também executado. O destino do casal teria sido traçado graças à delação de um ex-militante da ALN, João Henrique Ferreira de Carvalho, o Jota, que se passou à repressão, traíndo os ex-companheiros. Filha de um coronel do exército inicialmente favorável ao golpe, a menina Sônia acompanhara a família na versão carioca da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que precipitou a queda do governo Goulart em 1964. Quando a filha desapareceu, o coronel João Luiz de Moraes recebeu uma encomenda em casa: um cassetete da Polícia do Exército, presente do general Adyr Fiúza de Castro, comandante do DOI-Codi, no Rio. Anos mais tarde, ao descobrir as condições em que Sônia morrera, entendeu o recado. Nos porões, sua filha tivera os seios arrancados e fora estuprada com aquele cassetete.

Adhemar Pereira de Barros. “Agora, caçaremos os comunistas por todos os lados do país”. Assim falava o governador paulista Adhemar Pereira de Barros (1901-1969) com a ascensão dos militares. “Não deporemos armas enquanto não expulsarmos toda a canalha vermelha”, bradou, imputando ao presidente golpeado o intuito de “bolchevizar a família brasileira”. Curiosamente, nos anos 1940, Adhemar fora não apenas

aliado como até ajudara financeiramente o Partido Comunista Brasileiro. Por ironia, igualmente seria caçado e cassado mas pela acusação de surrupiar dinheiro público. Duas vezes candidato à presidência pelo Partido Social Progressista (PSP), dono de rádios e jornais, de fazendas e indústrias, entre elas a dos *chocolates Lacta*, *conchavou contra João Goulart e alavancou a Marcha da Família com Deus pela Liberdade que pôs a classe média na rua pela deposição do governo legal. À faceta de tocador de obras casava-se a reputação de venal (ver Cofre do Adhemar) que forjou o bordão Rouba mas Faz.*

Angel, Sônia. Primeiro militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e depois da Ação Libertadora Nacional (ALN), Sonia Maria Lopes de Moraes Angel Jones morreu sob tortura em novembro de 1973. Exilada na França, retornou ao Brasil em 1973 ao saber do desaparecimento de seu marido, Stuart Edgard Angel Jones. Sonia foi capturada com seu então companheiro, Antonio Carlos Bicalho Lana, também executado. O destino do casal teria sido traçado graças à delação de um ex-militante da ALN, João Henrique Ferreira de Carvalho, o Jota, que se passou à repressão, traindo os ex-companheiros. Filha de um coronel do exército inicialmente favorável ao golpe, a menina Sônia acompanhara a família na versão carioca da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que precipitou a queda do governo Goulart em 1964. Quando a filha desapareceu, o coronel João Luiz de Moraes recebeu uma encomenda em casa: um cassetete da Polícia do Exército, presente do general Adyr Fiúza de Castro, comandante do DOI-Codi, no Rio. Anos mais tarde, ao descobrir as condições em que Sônia morrera, entendeu o recado. Nos porões, sua filha tivera os seios arrancados e fora estuprada com aquele cassetete.

.oOo.

Ayrton Centeno é jornalista.

Porque abril é o mais cruel dos meses...

Leonardo Mota Neto – Jornalista CARTA POLIS = Brasília 20-março

PORQUE ABRIL É O MAIS CRUEL DOS MESES, SEGUNDO ELLIOT. O banqueiro Roberto Setúbal deu a senha: fora Dilma, já. O dono do Itapu mantinha-se reservado junto com seus colegas da banca. Atinham-se eles à estratégia de preservar o mandato de Dilma, porque não confiam em Michel Temer., Agora, acham Temer o mal menor. Um risco menor do Brasil explodir o que Dilma permanecer no poder.

Daí, a senha de Setúbal ao “estabelecimento”: catapultem Dilma via impeachment, que é mais rápido, indolor e barato para os banqueiros. Eleições gerais em outubro, se o TSE retirar Dilma e Temer de uma só penada. Sairá mais caro para eles. Seria triste e enfadonho abrirem os bolsos para dar “x” para o PT e “y” para o PSDB.

Encaixa-se perfeitamente nesse cenário a profecia de T. S. Elliot em “A Terra Devastada”.

Abril é o mais cruel dos meses – escreveu no poema imortal. Um trecho:

***“Abril é o mais cruel dos meses, germina
Lilases da terra morta, mistura
Memória e desejo, aviva
Agônicas raízes com a chuva da primavera.
O inverno nos agasalhava, envolvendo
A terra em neve deslembada, nutrindo
Com secos tubérculos o que ainda restava de vida...”***

Abril, o mês cruel do impeachment?

A BALA DE PRATA

Paulo Timm – Especial A FOLHA, março 17

Momentos dramáticos à frágil e recente democracia brasileira. A polarização ideológica radicalizou-se em ato. Estamos no limar de algum acontecimento que poderá engolfar direitos e produzir consequências nefastas. A crônica diria que só falta um cadáver...

O pano de fundo de tudo o que está acontecendo é a própria sociedade brasileira, com suas estruturas arcaicas, indispostas à modernização, com excessivos desníveis sociais – o que até José Bonifácio, o Patriarca da Independência, já advertia – e licenciosas elites, sempre agarradas à construção de um capitalismo patrimonialista apoiado no Estado.. Foi assim no Império. Foi assim na República Velha. Foi assim na Era Vargas. E tem sido assim, depois da Constituição de 1988. Já se dizia à época de Dom Pedro II: “Nada mais saquarema do que um luzia no Governo”. Liberais e conservadores, numa democracia escravocrata, se sucediam em benesses, senão carícias. Claro que os tempos modernos sofisticaram as alternativas, radicalizando-as. Tivemos uma esquerda e uma direita protagonizando a Política Nacional na segunda metade do Século XX. E elas se refinaram no final do século, desembocando nestes últimos anos. Mas operam, ambas, nos marcos de um Estado Clientelístico, fornecedor dos meios de realimentação de um sistema político viciado. O coronelismo não é, como pensávamos, um mecanismo de retroalimentação da política dos grotões, mas a característica fundamental da política brasileira. Grupos políticos, mesmo concorrentes

ideologicamente, disputam o comando do Estado, que por sua vez realimenta os apetites do mercado, os quais financiam campanhas eleitorais. Um círculo vicioso de favores recíprocos. Ao arrepio da Lei e das boas práticas republicanas. A melhor cara deste processo era, antes de 1964, o velho PSD,, hoje o PMDB, um Partido sem ideologia, sem hierarquia, verdadeiramente pós-moderno, sem qualquer linha política e que, simplesmente, se amolda às circunstâncias. Evita, inclusive, há anos, ter um candidato próprio à Presidência, preferindo apoiar, ora a direita, ora a esquerda. E subsiste como o maior Partido do país, em número de deputados federais e em número de Prefeitos. No vértice do comando, faces menos comprometidas e até promissoras de um novo tempo, tocam o barco e...levam as bofetadas...Claro que um sistema desses tem problemas para avançar no processo de modernização e aprofundamento da democracia. Ele vive de sístoles e diástoles que obrigam a algum tipo de intervenção externa em situações de crise: O Poder Moderador. Só que este “Poder” nunca opera de forma simétrica, como árbitro desinteressado. No fundo, como expressão de uma sociedade muito dividida, a arbitragem tem se revelado “branca”, isto é, contra o avanço da democracia, mediante o fortalecimento de todas os interesses sociais, políticos e ideológicos envolvidos. Alguém tem dúvidas, hoje, de que a intervenção militar de 1964 foi um ato moderador anti-social? Basta dizer que ele prendeu, exilou e arrebentou com todas as lideranças trabalhistas que então protagonizavam o Governo Goulart. E agora? O que está ocorrendo?

A esquerda, uma “nova esquerda”, não comunista, sem qualquer vínculo com o passado – tanto que tem como bordão o “Nunca antes na História deste país”! – chegou ao poder em 2003 e, bem ou mal, com todos e mesmos vícios do mencionado coronelismo, tocou um programa que retirou o Brasil do Mapa da Fome, duplicou o salário mínimo, elevou o nível de renda familiar permitindo-lhes chegar ao almejado automóvel e até às viagens internacionais, aumentou o número de negros e mais pobres nas universidades, além de alinhar-se internacionalmente aos BRICS, notadamente independentes da influência americana. Fê-lo da pior maneira possível: Clientelismo, Enxada e Voto... Isso incomoda os setores conservadores da sociedade. E deflagra indignações. Repulsas. Até ódios. Quando sobreveio a crise, ano passado, o caldo entornou. E os ânimos se exaltaram.

Compare-se, por exemplo, os momentos do “Mensalão”, no início do Governo Lula, com o “Lava Jato”, agora. No primeiro, a Justiça cumpriu-se, sem sobressaltos políticos: José Dirceu, figura central do PT e do Governo Lula, e vários empresários, dentre eles o operador Marcos Valério e uma Diretora do Banco Rural, estão presos. Agora, no auge da “judicialização”, a “Lava Jato” está se transformando em Poder Moderador, capaz de não só revelar as entranhas e fétidos miasmas do sistema político brasileiro, como de levar a um impasse institucional. O que se esperaria da Justiça, neste momento em que

ela, mercê do avanço institucional propiciado pela Constituição de 1988, releva seu papel e sérvios à democracia? Ora, que ela colocasse no banco dos réus todo o sistema político

e não apenas a facção petista. Seria uma excelente oportunidade para virar a página do patrimonialismo. Aliás, esta operação, sobretudo no vasto depoimento do Sen. Delcídio demonstra como a “roubalheira” vem de longe e quão profunda está encravada na vida pública do país. Mas, ao contrário do que se esperava, a LAVA JATO começou a centrar fogo, bastante estimulada pela Mídia, no Lula, no PT e agora em Dilma. Ora, o maior predicado da Justiça é a equidade, daí dizer-se que ela é cega: Duela a quien duela. O pau que bate em Francisco, deve bater também no Chico. Mas o que mais se vê na telinha é a cara de pau do ex-adverso da campanha de 2014, Aécio Neves, posando de moralista. Logo ele!

Deu no que deu: Lula arrastado ao canto, do qual tenta sair através de uma posse esdrúxula como Chefe da Casa Civil. Inevitável. Já não tinha outra “saída”. Aliás, nem o Governo Dilma, tem outra saída, senão esta, como a “Bala de Prata” capaz de estremecer a nação inteira. Talvez um último suspiro que, como na hora da morte, leva todos ao desespero. E a erros. Temo pelo pior.



Nas Entrelinhas: O bolchevismo tardio

<http://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/o-bolchevismo-tardio/>

Publicado em 20/03/2016 - 00:47 Luiz Carlos Azedo

O PT trata os adversários como inimigos do povo e traidores da pátria e vê no crescimento da oposição uma conspiração golpista

A matriz ideológica da esquerda brasileira é uma mistura de anarquismo, marxismo e positivismo. Leandro Konder, no livro A derrota da dialética, explica que a chegada das ideias de Marx ao Brasil se deu logo após a comuna de

Paris de 1871. Contra elas reagiram as elites políticas escravocratas do Império, mas muitos estudantes receberam essas ideias com entusiasmo. Os principais intelectuais do país, porém, não se empolgaram com as teses marxistas.

Tobias Barreto considerava Marx um reformista ingênuo. Clóvis Bevilacqua via a desigualdade como o resultado do progresso. Machado de Assis o ignorou. O grande ideólogo da proclamação da República seria Benjamin Constant, líder positivista ortodoxo, que lecionava na Escola Militar da Praia Vermelha. Somente em 1900, onze anos depois, o professor italiano Antônio Piccariolo (1868-1957) criou o centro socialista paulistano. Era formado por anarco-sindicalistas, sindicalistas-revolucionários, reformistas e socialdemocratas.

Como hoje, o socialismo era algo distante da realidade brasileira. Após a Revolução Russa de 1917, no rastro da I Guerra Mundial, as ideias socialistas voltaram a ter eco no Brasil, sob forte influência do Partido Bolchevique, liderado por Vladimir Lênin. Pouco depois, em 1922, sindicalistas de origem anarquista, liderados pelo jornalista Astrojildo Pereira (RJ) e o contador Cristiano Cordeiro (PE), fundaram o Partido Comunista do Brasil (PCB). Alguns anos depois, Astrojildo converteu ao comunismo o líder tenentista Luiz Carlos Prestes.

A adesão de Prestes completou a simbiose entre as ideias anarquistas, marxistas e positivistas, que depois influenciou o comportamento de toda a esquerda brasileira. Houve uma espécie de fusão da visão bolchevique, cuja política considerava a luta de classes como parte de uma guerra civil mundial, com o golpismo dos militares brasileiros de formação positivista. Seu ponto alto foi a tentativa dos comunistas de tomada do poder pelas armas em 1935. Como os militares tutelaram a República de 1889 a 1985 — com destaque para a Revolução de 1930 e o golpe militar de 1964 —, a concepção de “revolução social pelo alto” adotada por comunistas e militares nacionalistas era a outra face da moeda de uma concepção de modernização do país por uma “via prussiana”. Durante 100 anos da história republicana, o golpismo provocou graves crises políticas.

O golpe

O melhor cenário para examinar essa questão é a crise do governo João Goulart (PTB), em 1964, depois de uma sucessão de tentativas de golpe de Estado por parte da direita militar e setores conservadores. O programa de reformas do governo defendia a nacionalização das empresas estrangeiras e a

reforma agrária, mas não reunia apoio efetivo no Congresso. A esquerda, porém, queria que Jango fizesse as reformas “na lei ou na marra”. Além disso, havia o problema da sucessão de Jango, na qual os candidatos mais fortes eram o ex-presidente Juscelino Kubitschek (PSD) e o então governador da antiga Guanabara, Carlos Lacerda (UDN).

A esquerda nacionalista atacava a “política de conciliação” de Jango e defendia a candidatura do ex-governador gaúcho Leonel Brizola (PTB). O líder comunista Luiz Carlos Prestes, porém, já articulava a reeleição de Jango. Pela Constituição, nenhum dos dois poderia ser candidato. Como o mundo vivia o auge da guerra fria, a radicalização política no Brasil era quase inexorável, com os Estados Unidos incentivando a tomada de poder pelos militares. Foi nesse contexto que houve o golpe de 1964.

A destituição de Jango provocou um racha na esquerda, porque não houve resistência armada ao golpe, por decisão de Jango e de Prestes. Liderada por Carlos Marighella, parcela expressiva resolveu partir para a luta armada, com apoio de Cuba e da China. Prestes e o PCB, com apoio da antiga União Soviética, defendiam uma frente ampla contra o regime militar e a luta pela redemocratização do país por meios pacíficos. De modo geral, o “bolchevismo” adotava três ideias-força: a implantação do socialismo a partir do Estado, a inevitabilidade da “guerra civil” para a manutenção do poder e a necessidade de neutralizar a reação das potências imperialistas. Essa visão pautou o comportamento da esquerda no Brasil, principalmente dos setores que optaram pela luta armada contra o regime militar, alguns dos quais nunca fizeram autocrítica do seu fracasso.

A presidente Dilma Rousseff e o presidente do PT, Rui Falcão, são remanescentes da guerrilha urbana. A ideia de renúncia ao poder não passa por suas cabeças. Diante da crise econômica, política e ética, a postura da esquerda governista cada vez mais reflete uma espécie de “bolchevismo tardio”. Aposta no Estado para controlar o país, sua economia e a sociedade. Usa de todos os meios para se manter no governo e considera um retrocesso a alternância de poder. Adota a retórica nacionalista para tratar os adversários como inimigos do povo e traidores da pátria. Vê o crescimento da oposição como suposta conspiração golpista articulada pelos Estados Unidos. Viola as regras do Estado democrático de direito ao mesmo tempo que pretende usufruir de suas prerrogativas e garantias.

Jornalista crê em golpe irreversível e sugere que Lula se abrigue em embaixada

Da Redação -

<http://www.conexaojornalismo.com.br/colunas/politica/brasil/jornalista-cre-em-golpe-irreversivel-e-sugere-que-lula-se-abrigue-em-embaixada-73-43156>

Sábado, 19 de Março de 2016



O golpe já seria uma decisão irreversível. Como única maneira de sobreviver a ele restaria a Lula buscar abrigo em uma embaixada estrangeira e lá denunciar o movimento golpista que tem apoio da mídia, Judiciário e Congresso Nacional. Com isso, sob o olhar atento de observadores estrangeiros, os protagonistas desta ação, apoiada pelo capital americano, seria seu esfacelamento moral. O autor da tese com nuances de thriller político é o jornalista Rodrigo Vianna, do blog O Escrevinhador. Saiba mais.

Lula faria bem se entrasse numa embaixada estrangeira, e denunciasse o consórcio midiático-conservador que tenta tomar de assalto o Estado brasileiro. Precisamos de símbolos. E essa - sim - seria uma imagem simbólica desmoralizadora para os golpistas! Lula numa embaixada seria o símbolo de que o Brasil já não é mais uma democracia plena.

Foi estranho ir para a Paulista, e não ver ninguém gritando: "morre, fulano"; "fechem o partido XX"; "deem um tiro na cabeça de YY". Foi isso que eu havia visto nas manifestações dos chamados "coxinhas", desde março de 2015.

Nesse dia 18 de março de 2016, ao contrário, não houve ódio. Na rua, mostrou-se a firme disposição de defender a Democracia e as conquistas dos últimos 13 anos. Houve também a denúncia da ação de um juiz - Sérgio Moro - que rompeu com a lei e se transformou num baderneiro da Justiça. E houve o ataque firme ao golpismo descarado da Globo.

Lula falou ao povo, que se mostrou em sua diversidade: negros, brancos, mestiços; mulheres e negros; gays, travestis; funcionários, estudantes classe média, operários e agricultores. Tudo junto e misturado. Havia muito mais do que 100 mil pessoas na Paulista. Pelo menos o dobro disso.

Muita gente com quem conversei na Paulista se sentiu aliviada porque, Brasil afora, milhares de pessoas se manifestaram contra o golpe. Isso, avaliam alguns, será um freio para os golpistas.

Hum. Tenho o dever de ser realista. E dizer: não!

Em 13 de março de 1964, Jango foi à Central do Brasil e mostrou força num comício diante de milhares de operários/trabalhadores, além de militantes trabalhistas e da esquerda. Três semanas depois, Jango foi derrubado.

Lula falou ao povo, que se mostrou em sua diversidade: negros, brancos, mestiços; mulheres e negros; gays, travestis; funcionários, estudantes classe média, operários e agricultores. Tudo junto e misturado. Havia muito mais do que 100 mil pessoas na Paulista. Pelo menos o dobro disso.

Muita gente com quem conversei na Paulista se sentiu aliviada porque, Brasil afora, milhares de pessoas se manifestaram contra o golpe. Isso, avaliam alguns, será um freio para os golpistas.

Hum. Tenho o dever de ser realista. E dizer: não!

Em 13 de março de 1964, Jango foi à Central do Brasil e mostrou força num comício diante de milhares de operários/trabalhadores, além de militantes trabalhistas e da esquerda. Três semanas depois, Jango foi derrubado.

Há vários meses, Moro testa os limites da institucionalidade. Prendeu várias pessoas de forma ilegal. Viu que não seria detido, e seguiu adiante.

Desde o dia 4 de março, a rigor, assistimos a um golpe em câmera lenta: 1) a condução coercitiva de Lula, precedida de intensa manipulação midiática produzida pela Globo; 2) a invasão de sindicatos pela PM paulista; 3), a queima de sedes de partidos e sindicatos Brasil afora; 4) os ataques fascistas no meio da rua, intimidando homens e mulheres; 5) a divulgação ilegal de grampos da presidenta da República; 6) a violação do sigilo telefônico de 25 advogados, por parte do "juiz" Moro.

A escalada está clara. Só não enxerga quem não quer.

O STF, ao invés de dar um freio em Moro, preferiu "responder" às falas de Lula

extraídas de conversas informais. Não há qualquer dúvida de que o STF não vai parar Moro, não vai parar a escalada de arbitrariedades.

Vivemos, definitivamente, um golpe paraguaio. Um golpe promovido pelas instituições, com ampla agitação midiática.

De outro lado, sem convocação pela Globo, sem apoio institucional, cercados por todos os lados, e contando apenas com blogs e ativismo digital, os democratas desse país foram capazes de produzir grandes atos populares dia 18.

Sim! Isso foi importante, para levantar o moral, e para sinalizar que esse projeto pode ser retomado logo adiante. Mas isso, apenas, não deterá o golpe agora.

Gilmar: um "juiz" que se articula com Serra e Arminio - o ataque ao pré-sal está no cardápio

A decisão de Gilmar (tomada numa sexta, às vésperas de período de recesso no STF) mostra que há uma inteligência operando entre Judiciário/Globo/PSDB. A foto ao lado mostra quem são os operadores do golpe.

Mas há outros: os irmãos Marinho, Temer, Moro com suas camisas negras e a embaixada dos EUA promovem uma tabelinha. Não podemos ter mais dúvidas.

Lula pode ser preso nos próximos dias. Juristas acham que não, que Moro não poderia agir antes de uma decisão do pleno do STF. Mas não estamos mais dentro da normalidade institucional.

E o STF é sim, hoje, um tribunal acovardado e ajoelhado diante do avanço midiático.

A Constituição de 88 está sendo pisada, a institucionalidade destruída. Os votos de 54 milhões de pessoas, jogados no lixo.

É um ataque frontal à Democracia.

Na sequência, viria um governo Temer/Serra/Cunha, vendido como "governo de união nacional".

A esquerda e os movimentos iriam para a rua?

Sim. Mas lhes faltaria um símbolo. E lhes sobraria a pecha de "corruptos" que

estão simbolicamente liderados por um "ladrão preso em Curitiba".

Caminhamos para um regime em estilo colombiano: aparência de democracia, com a esquerda e os movimentos expurgados do sistema político. Essa é a tragédia que nos aguarda, e que pode durar 5, 10 ou 20 anos - a depender de nossa capacidade de reação.

Lula, a essa altura, faria bem se pedisse apoio ostensivo no campo internacional: deveria entrar numa embaixada estrangeira, e repetir o papel de Julian Assange: denunciar o consórcio midiático-conservador que tentar tomar de assalto o Estado brasileiro.

Reparem que a mídia estrangeira (inclusive jornais e revistas conservadoras) é a única que faz a denúncia desse processo.

Precisamos de símbolos vigorosos! 200 mil, 1 milhão de pessoas na rua. Isso é importante, mas não basta.

Lula numa embaixada seria o símbolo de que o Brasil já não é mais uma democracia. E essa - sim - seria uma imagem simbólica desmoralizadora para os golpistas.

Não há exagero nem dramatismo nessa análise. Estamos a um passo de um novo 1964 - mas muito mais grave. Porque será desfechado por aqueles que deveriam ter a obrigação de cumprir as leis.

Dessa vez, pessoas não vão sumir. Muito pior: serão destruídas moralmente, terão sua vida revirada e exposta à execração pública. Em 3 ou 4 anos, parte da classe média vai se arrepender de ter gerado esse monstro. Mas será tarde.

O monstro está aí, à nossa frente. Lula é o último símbolo a ser destruído, antes do ataque final.

Lula precisa ser preservado, para ser uma voz de denúncia. E o Estado brasileiro não é mais um lugar seguro para oferecer essa segurança a Lula. É preciso buscar a proteção de outros estados, em que a lei ainda vale e a democracia não foi pisoteada.

No Brasil, já vivemos num estado de exceção jurídico e midiático.

É essa a realidade que vejo.

Veja também:

[>> Globo erra feio ao tenta desqualificar manifestação pró-democracia](#)

>> O direito às paixões: dos amores clandestinos à liberdade

>> E querem criminalizar o palavrão de Lula: * * * *!

>> Internauta de Conexão diz que energia do ódio deveria ser canalizada para o bem do país

>> O milagre do desaparecimento do público, segundo a Rede Globo

Brasil: combater o “golpe paraguaio” sem apoiar o governo Dilma

O que a direita prepara é um golpe “constitucional” para derrubar o governo mantendo o regime. Mas denunciar estes golpistas não significa dar o apoio a uma presidente e uma política que fraudaram as expectativas nelas depositadas.

20 de Março, 2016 - <http://www.esquerda.net/opiniao/brasil-combater-o-golpe-paraguaio-sem-apoiar-o-governo-dilma/41866>

Luís Leiria

Um amigo de longa data envia-me uma mensagem, preocupado com a minha segurança. Quer saber se estou em Portugal ou no Brasil e, no segundo caso, se cuidei da minha segurança e da minha família diante do golpe militar iminente. Procuo tranquilizá-lo: não é um golpe militar que está em curso no Brasil, apesar de um setor minoritário das manifestações multitudinárias pelo afastamento de Dilma Rousseff pedir a intervenção das Forças Armadas. A maioria dos partidos da direita, o patronato representado pela poderosa FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), o setor financeiro, os donos do agronegócio querem de facto afastar Dilma da Presidência e o PT do governo, mas o que preparam é um “golpe constitucional”, que seria a aprovação do *impeachment* da Presidente pelos deputados e senadores, mesmo sem haver fundamentação jurídica, isto é, sem haver um crime de responsabilidade cometido por Dilma Rousseff.

Este tipo de golpe, que derruba o governo mas mantém o regime, ficou conhecido por “golpe paraguaio” em memória da destituição do presidente daquele país, Fernando Lugo, por votação do senado, num processo relâmpago que durou pouco mais de 24 horas, no dia 22 de junho de 2012.

Tal como o processo de Lugo, o de Dilma é uma farsa, porque a presidente não é acusada de qualquer falta que possa ser considerada crime de responsabilidade. É uma farsa porque o processo de *impeachment* foi aceite por um presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que está acusado de crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro pelo Procurador Geral da República e foi tornado réu pelo próprio Tribunal Superior Federal. É uma farsa porque a primeira decisão de realmente abrir ou não o processo cabe a uma comissão de 65 deputados eleitos nesta quinta-feira, 40 dos quais receberam, para as suas campanhas eleitorais, contribuições financeiras de empresas investigadas pela Operação Lava Jato. Quatro desses deputados estão mesmo sob investigação dos procuradores.

Mais: pela lei, se Dilma for afastada, tomará posse o seu vice, Michel Temer, do PMDB, que é igualmente responsável pelas “pedaladas fiscais” que servem de pretexto para o *impeachment* da presidente.

Se o governo de Dilma cair, fruto desta farsa e da pressão das manifestações massivas que pedem o seu afastamento, o governo que vier a seguir será mais agressivo socialmente que o seu tem sido, mais austeritário, mais pró-imperialista, mais repressivo. Mas não será uma ditadura militar.

Depois desta longa explicação, o meu amigo não ficou muito tranquilo. Perguntou-me:

– Mas, então, para ti é indiferente haver ou não esse tal de *impeachment*?

Claro que não – respondi-lhe. Não se pode ficar neutro diante do *impeachment*. É preciso denunciá-lo e opor-se à farsa.

Governo indefensável

Mas uma coisa é denunciar e opor-se ao *impeachment* e outra muito diferente é apoiar este governo. Porque, desde que tomou posse, Dilma Rousseff aplicou uma política oposta àquela que defendeu na campanha eleitoral e a levou à Presidência. E, absurdo dos absurdos, é justamente a mesma política que defendia o seu adversário derrotado, Aécio Neves. O “ajuste fiscal”, o nome que dão no Brasil à nossa conhecida austeridade, começou logo por reduzir o subsídio de desemprego e o auxílio na doença, prosseguiu nos cortes de orçamento nas áreas sociais, e prepara-se para fazer uma reforma na Previdência Social que aumentará a idade da reforma e outros ataques. Numa economia já atingida pela recessão internacional e em particular pela queda de preços das matérias primas que o Brasil exporta, esta política teve um efeito devastador, levando o desemprego a crescer em flecha, aproximando-se dos 10%.

Até no terreno das liberdades democráticas o governo Dilma aplicou a política da direita, fazendo aprovar uma lei antiterrorista que pode ser usada para atacar o direito à manifestação e os movimentos sociais.

Como disse o Guilherme Boulos, líder do Movimento dos Sem Teto, não vamos defender este governo, porque é indefensável. Ele é o culminar de uma política que começou a ser aplicada por Lula, de fazer tudo o que o grande capital financeiro e industrial querem, ao mesmo tempo que aproveitava a conjuntura internacional favorável para aplicar algumas medidas assistencialistas – as diversas bolsas, como a Bolsa Família – e aumentar um pouco, em termos reais, o salário mínimo. Num país com uma desigualdade tremenda, esse pouco significou muito para milhões de pessoas, mas o próprio Lula reconheceu que no seu governo os banqueiros ganharam como nunca.

Ao mesmo tempo, Lula procurou consolidar o seu poder através das mais espúrias alianças. Fernando Collor, seu adversário nas eleições de 1989 e o primeiro presidente a sofrer *impeachment* em 1992, é hoje um fervoroso aliado de Lula e de Dilma. Bem como o sinistro Paulo Maluf, que nos extertores da

ditadura militar foi o candidato oficial a presidente na eleição indireta do Colégio Eleitoral e sobre o qual pesa um mandato de prisão internacional por movimentação de dinheiro ilícito. As alianças com o PMDB, o partido que está sempre por cima, com a Igreja Universal, com outros partidos menores de direita, implicaram o estabelecimento de uma rede de favores e de negócios que foi deixando de lado a “ética na política”, imagem de marca defendida originalmente pelo PT, para culminar em escândalos como o “Mensalão” e o “Petrolão”. O PT da afirmação da classe trabalhadora na cena política, porque “trabalhador vota em trabalhador”, transformou-se no partido do sistema, que governa o país há 13 anos e que em nada se diferencia dos outros. O Lula das greves do ABC transformou-se no “Lulinha paz e amor” que garante não oferecer perigo algum aos banqueiros e empresários.

Durante algum tempo, criou-se a ilusão que esta política conseguia o milagre de agradar a todos: o povo mais pobre melhorava, os banqueiros lucravam como nunca, o país crescia e os índices de popularidade de Lula batiam recordes. Mas quando a conjuntura internacional se alterou, a ilusão desfez-se, e a grande burguesia chegou à conclusão que já não precisava do PT para nada, que podia governar diretamente através dos seus partidos, como o PSDB.

Diante disto, Lula volta agora à ribalta política para defender a mesma política. O discurso que fez na manifestação desta sexta-feira em S. Paulo voltou a ser o do consenso, o do Lulinha paz e amor.

Por isso defendo que a esquerda socialista deve manter total independência em relação ao governo e combater a sua política. Porque Lula, o PT e esta política são os responsáveis pela atitude expectante em que está a classe trabalhadora, permitindo que uma classe média radicalizada pela extrema-direita assuma a hegemonia dos protestos de rua.

Corrupção e Lava Jato

E aqui entra a questão que tem estado no centro da atual crise política, a da corrupção.

O Brasil deu enormes avanços na investigação e punição da corrupção. Só os dois anos de Operação Lava Jato, que investiga exclusivamente os casos relacionados com a Petrobrás, já produziu a condenação de 93 pessoas, entre eles os presidentes ou ex-presidentes de empresas de construção gigantes, como a Odebrecht, a Camargo Correia, a OAS, ex-diretores da Petrobrás, um ex-tesoureiro do PT, empresários e doleiros. Até agora, os procuradores dirigidos pelo juiz Sérgio Moro conseguiram recuperar 2.900 milhões de reais e bloquear em contas nacionais ou no estrangeiro 2.400 milhões de reais.

O juiz Sérgio Moro foi construindo uma imagem de implacável e incorruptível, que lhe granjeou uma fama sem precedentes para um magistrado. E o facto de os políticos mais investigados serem do Partido dos Trabalhadores parecia explicar-se por ser o partido que está no poder ininterruptamente desde 2003. Ainda assim, causava estranheza que denúncias de outros políticos, como o senador Aécio Neves, citado cinco vezes em delações premiadas obtidas pela

Lava Jato fossem deixadas de lado enquanto a investigação se concentrava cada vez mais exclusivamente no PT.

Nas últimas semanas, porém, ficou claro que há um desvio político na operação que se concentra agora na figura do ex-presidente Lula da Silva. Apesar de as suspeitas que pesam sobre Lula serem muito frágeis (um apartamento na cidade litoral do Guarujá não é nada que Lula não pudesse ter, apesar de o ex-presidente garantir que não é dele), houve o episódio da condução coercitiva de Lula a um interrogatório que repetiu as perguntas que já tinham sido feitas antes, e o pedido de prisão preventiva do ex-presidente, tão desastrado que foi quase unanimemente condenado, até por políticos do PSDB. A cereja no topo do bolo foi a atitude de Moro de divulgar ilegalmente escutas telefônicas com pouca ou nenhuma relevância para o processo, alegando que eram do “interesse público”.

A atitude de Moro foi tão condenável que até a *Folha de S. Paulo*, insuspeita de ter simpatias por Lula, disse em editorial esta sexta-feira que “em meio à crise, a Justiça deve dar o exemplo, mas o juiz Sérgio Moro se deixou levar por um cálculo político incompatível com o cargo”, acusando o magistrado de fazer uma “temerária incursão pelo cálculo político”, e argumentando que “não cabe a um magistrado ignorar ritos legais a fim de interromper o que sem dúvida representa um mal maior”.

A Operação Lava Jato está pois a ser usada como arma política. Mas isto não quer dizer que o envolvimento do PT com a corrupção não seja um facto: pelo menos dois ex-tesoureiros do PT e importantes quadros partidários, como José Dirceu, estão presos e foram condenados por se beneficiarem de esquemas corruptos. Nesse sentido, a decisão de Lula ir para o governo apareceu – mesmo que não seja essa a primeira intenção – como uma fuga à Justiça e constituiu um erro de cálculo evidente.

Mas é provável que, no caso de o “golpe paraguaio” triunfar, as investigações da Lava Jato comecem a marcar passo, que muitos dos denunciados, como Aécio Neves ou Michel Temer nunca venham a ser investigados e que a corrupção volte a ser a regra nas relações das empresas com o Estado.

Terceiro campo

Diante da extrema polarização contra e a favor do governo, a posição da esquerda socialista é difícil, tanto mais que a correlação de forças lhe é desfavorável. Combater a direita, denunciar o *impeachment* mantendo a independência em relação ao governo e lutando contra as suas políticas. Fazer uma frente entre os partidos como o PSOL, o PSTU e o PCB, organizações sociais como o MTST ou a CSP Conlutas e a Intersindical para construir um terceiro campo que apareça como uma alternativa. Será possível pelo menos começar a discutir esta frente? Será possível construir este terceiro campo? Todas as divergências entre estas organizações deveriam ser secundárias em função desta tarefa inadiável. A ver vamos.

Roteiro do golpe é vazado: Lula preso, Aécio destruído e Temer nomeando Mendes, Fraga e Moro após o impeachment

<http://www.debateprogressista.com.br/2016/03/roteiro-do-golpe-e-vazado-lula-sera.html>



Sen. J.Serra em encontro com M.Temer

Uma fonte ligada à imprensa paulista listou o roteiro do golpe: Lula será preso na próxima semana:

Aécio é o próximo alvo da Lava Jato. O objetivo é a destruição da carreira política do Senador mineiro para dar a ideia de "isenção";

O processo de impeachment será finalizado em menos de 20 dias;

Michel Temer, assim que assumir a cadeira da presidência, nomeará Armínio Fraga como Ministro da Fazenda e Gilmar Mendes como Ministro da Justiça, a lacuna deixada do STF será preenchida pelo juiz Sérgio Moro;

Serra é o grande avalista, e já vem acertando o novo "governo" há pelo menos um mês;

A lei anti-terrorismo será usada para impedir maiores contestações.

Possivelmente os vetos aos aspectos mais autoritários da lei sejam derrubados por esses dias;

- Cunha só será retirado após o impeachment, rifado, em seguida, para passar a imagem de "limpeza".

Noticiamos, no dia 19/03, o **encontro** entre Mendes, Serra e Fraga.

E vários veículos noticiaram um encontro entre Cunha e Mendes, no ano passado, para discutir o impeachment.

Tudo isso sob os olhos do STF, que seria o único - além do povo -, capaz de impedir esse roteiro.

Vale lembrar que tudo que está escrito acima não é uma profecia. Então o povo brasileiro pode se abster de orar e ir às ruas.

Habeas corpus para a democracia

Novo post em <http://democraciaeconjuntura.com>

Por Sérgio Rodrigues Dias Filho - by [rogeriodultra](#)

Quem acompanhou a minha “fase carioca” (ou seria “fase araribóia”?) na UFF, sabe que escrevi a minha dissertação de Mestrado sobre o pensamento constitucional do advogado e político baiano João Mangabeira (1880-1964), um defensor intransigente da igualdade, da liberdade e do Direito, que foi preso em 23 de março de 1936 acusado de crime contra a segurança nacional. Na verdade, o “crime” que o então Deputado Federal pelo Estado da Bahia cometeu foi, no exercício da profissão de advogado, impetrar habeas corpus em favor de vítimas da perseguição religiosa e integralista.

Sempre me interessei pelo estudo da ditadura, talvez seja por influência da vinda “forçada” de meus avós maternos para o Brasil em razão do salazarismo, na tentativa de ter uma vida livre dos horrores de um Estado de exceção, talvez por influência de professores absolutamente democratas que guiaram os meus primeiros passos na História, na Geopolítica e no Direito. Pode ser...

Nesse sentido, como professor e advogado, orgulhosamente neto de uma mulher valente que trabalhava sob o sol e a chuva para entregar a maior parte de sua produção familiar agrícola ao Estado português, e que, já no Brasil, dirigia uma Kombi do ES até SP, com os filhos nos bancos traseiros, para comprar roupas que seriam revendidas em Jardim América, Cariacica (a perfumada Natália, para o nosso lamento, descansou em paz na madrugada do primeiro dia deste ano), a minha consciência exige que eu escreva um pouco.

É importante registrar que este é um depoimento pessoal e expressa apenas as minhas próprias opiniões. Acredito que seja um daqueles momentos em que a vida requer demonstração pública de coerência entre aquilo em que acreditamos, o

posicionamento acadêmico e a prática jurídica cotidiana.

Em primeiro lugar, é pacífico que qualquer pessoa com plena sanidade mental entende que corruptos e corruptores devem ser investigados, processados e condenados. Todos, de todos os partidos. Todos, seja no setor público ou no setor privado. Contudo, os fins não podem aqui justificar os meios, isto é, desde a investigação até a final condenação a Constituição deve sempre ser respeitada.

Não posso assistir calado o escandaloso regozijo punitivista da mídia e (assustadoramente) de colegas advogadas e advogados com a violação de nossas prerrogativas profissionais, e me refiro especialmente ao previsto no artigo 7º, inciso II, da Lei 8.906/94 – inviolabilidade de correspondência telefônica. Interceptações telefônicas devem ser realizadas absolutamente segundo os limites legais.

“Grampear” a conversa de 25 advogadas e advogados (e, pelo menos, de 300 clientes) para monitorar atos e estratégias de defesa constitui um gravíssimo atentado à ordem constitucional democrática e ratifica o coro midiático de criminalização do exercício da advocacia e de relativização da presunção de inocência. Isso deve ser repudiado com veemência e os agentes de tal absurdo devidamente responsabilizados.

Em segundo lugar, acerca do posicionamento do Conselho Federal da OAB e do Conselho Seccional da OAB-ES quanto ao processo de impedimento da Presidente da República, entristeço-me profundamente pela falta de sensibilidade de nossos representantes de classe, sobretudo em razão do cenário de ódio e de criminalização da política, em geral, e da atividade parlamentar, em especial. Até do ponto de vista da estabilidade institucional e econômica, como já aponta a mídia internacional, o impedimento não resultará em melhores cenários para a geração de emprego e renda, e, muito menos, para a credibilidade do país no exterior. Além disso, não consigo acreditar nessa hermenêutica instrumental, fruto da indignação seletiva, que atribui às chamadas “pedaladas fiscais” o condão de crime de responsabilidade e que entrega ao Eduardo Cunha a articulação do procedimento na Câmara. Aliás, os artigos 79 e 80 da Constituição são suficientemente desencorajadores, não?

Tempos sombrios, esses que vivemos.

O sociólogo e jurista alemão Otto Kirchheimer (1905-1965) já alertou na obra *Justiça Política* (1961, aqui citada no espanhol) acerca do uso do Poder Judiciário com fins políticos:

“[...] los procedimientos judiciales sirven para dar autenticidad y así limitar la acción política.”

“[...] las principales categorías de juicios políticos, que son las siguientes:

- (a) La causa que se refiere a un delito común cometido con fines políticos y el ejecutado con la mira de beneficios políticos que pudieran alcanzarse como resultado del éxito de la acusación;
- (b) El juicio político clásico: la intención de cierto régimen para incriminar la conducta pública de su enemigo, con la mira de expulsarlo de la escena política; y
- (c) El juicio político derivativo, donde se esgrimen las armas de difamación, perjurio y vilipendio, em un esfuerzo de crear una mala reputación al enemigo político.”

No mais, fiquei muito feliz ao ler depoimentos de colegas advogadas e advogados que expressaram civilizadamente suas opiniões em oposição às decisões de nossos representantes de classe. Isso engrandece a advocacia e nos conduz a reflexões mais profundas sobre o quão democráticos são os processos de escolha de nossos representantes, sobretudo no Conselho Federal da OAB. Parabênzo a todos em nome da querida professora e advogada Nara Borgo, que tem feito um brilhante trabalho na Vice-Presidência da OAB-ES.

Que nos inspiremos em João Mangabeira, Sobral Pinto e em tantos outros anônimos que diariamente lutam pela Constituição e pelo Estado Democrático de Direito.

FORAM-SE OS ANÉIS, VÃO-SE OS DEDOS

DILMA ESTÁ DESTRUINDO SEU GOVERNO E CRIANDO PARA SI UM LEGADO DE RETROCESSOS.

Guilherme Boulos - 03/03/2016

O velho provérbio aconselha entregar os anéis para preservar os dedos: em situações adversas, certas concessões seriam necessárias para garantir o essencial. Os provérbios são passíveis de uso, mas também de abuso.

A narrativa dos dedos e anéis serviu para o governo Dilma tentar justificar a ruptura com seu programa e a adoção de uma agenda antipopular. Foi assim com a composição ministerial, com o ajuste fiscal, as Medidas Provisórias do

seguro-desemprego e das pensões e com as reiteradas concessões à pauta conservadora no Congresso.

Em 2015, foram-se os anéis.

Mas essas concessões, diziam, eram necessárias para manter os dedos: a seguridade social do Estado brasileiro, a política de reajuste do salário mínimo, os programas sociais e a soberania sobre o pré-sal.

Dilma não teve qualquer cerimônia em enterrar esta narrativa nos primeiros dois meses de 2016. Os dedos tiveram, um a um, sua entrega anunciada. Em alguns casos, efetivada à vista.

A apresentação da reforma da Previdência ao Congresso deu início ao novo momento. As propostas de uma idade mínima para aposentadoria, de equiparação entre homens e mulheres e do desmonte da aposentadoria rural fizeram o governo cruzar a linha vermelha das contrarreformas estruturais.

E, uma vez ultrapassada a linha, encorajou-se em avançar mais. Nelson Barbosa, em nome da presidente, anunciou um projeto de reforma fiscal a ser enviado ao Congresso até o fim deste mês. Em poucas palavras, trata-se de transformar o ajuste fiscal em política de Estado, regulamentando ataques medonhos às políticas sociais e aos servidores.

A proposta é estabelecer medidas compulsórias caso as despesas extrapolem o previsto ao longo do ano. Seriam três gatilhos: no primeiro, haveria suspensão do aumento real dos servidores, dentre outras medidas. No segundo, seria suspenso o aumento nominal (isto é, redução salarial) e a ampliação de subsídios, afetando os programas sociais. E no terceiro, enfim, haveria congelamento do salário mínimo.

Para não restar dúvida, na semana passada dois projetos coroaram este leilão de dedos do governo Dilma. O primeiro era esperado e já tramitava há algum tempo por iniciativa do governo –e com pedido de urgência: a lei antiterrorismo. Aprovada pela Câmara, a lei abre brecha para a criminalização de movimentos populares através de sua tipificação como "terroristas".

Por mais que a versão final seja menos agressiva do que a do Senado, ainda permite margem para uma interpretação criminalizadora de delegados, promotores ou juízes. Mais um retrocesso institucional encampado pelo governo.

Completando a série, o dedo mais emblemático: a exploração do pré-sal. José Serra pôde enfim cumprir sua promessa à Chevron de descaracterizar o regime de partilha. Não imaginava, talvez, é que o conseguiria em acordo com o governo Dilma.

Com a avaliação de que poderia perder a votação, o governo tornou-se cúmplice do projeto derrubou a Petrobrás como operadora única, além da obrigatoriedade de participação mínima de 30% nos campos do pré-sal. Caiu antes da queda.

Aposentadoria, programas sociais, salário mínimo, direito de manifestação e pré-sal. nada mais parece ser ponto inegociável para este governo. Ou melhor, o único ponto inegociável é atender rigorosamente à sanha do mercado financeiro em desmontar a proteção social e ampliar seus ganhos.

Em nome de uma suposta governabilidade, Dilma está destruindo seu governo e criando para si um legado de retrocessos. E, mesmo com tudo isso, não tem nenhuma garantia de que chegará até 2018.

Como já disse aqui André Singer, se era para enfrentar o risco de cair, que fosse então pelos bons motivos.

Notícias, Informações e Debates sobre o Desenvolvimento do Brasil:

www.desenvolvimentistas.com.br